

"O Barco da Morte" de D. H. Lawrence: uma tradução

Eric Mitchell Sabinson (UNICAMP)

I

D. H. Lawrence, morto em 02 de março de 1930, escreveu "The Ship of Death" nos últimos meses de sua vida. A tuberculose, que ia matá-lo ainda jovem, foi diagnosticada em 1911, ano da publicação de seu primeiro romance The White Peacock. Lawrence é o último romântico da língua inglesa, herdeiro da aura transcendente com a qual os românticos vestiram a morte. Apesar da reputação de Lawrence como pornógrafo, o assunto lawrenciano predileto nunca foi o sexo. Sua preocupação radical foi com a morte, o mais assustador de todos os temas, e isso talvez explique melhor a difamação e a censura que sofreu durante a vida.

A convivência íntima com a morte salvou-o do parnasianismo em sua forma mais nociva, ou seja, a própria civilização industrial com suas decorações artísticas, mortíferas antes que morramos. A morte, não obstante, pode ser o apogeu de uma vida, pode ser a experiência mais intensa, a mais mística de todas as experiências. É irônico perceber que Lawrence, profundamente pagão, exija a ressurreição, como um cristão fundamentalista, para se manter vivo. Somente na tuberculose ele encontrou condições plenas para viver.

II

Neste espaço, o leitor deveria encontrar um ensaio acadêmico em que se trata da morte na obra de Lawrence, localizando-a dentro de padrões ocidentais, levantando exemplos de suas obras, contrastando-os com citações de outros autores do mesmo período e, talvez, do período imediatamente anterior. Tarefa inútil, e, neste momento, tarefa necrófaga. No lugar deste ensaio, eu teria gostado de falar de minha amiga Vera Lúcia Aguiar, morta em 05 de outubro de 1986, pois em sua homenagem resolvi traduzir o poema "The Ship of Death", escolhido entre uma centena de poemas interessantes sobre a morte. Infelizmente, não consegui escrever sobre a Vera, e é provável que eu nunca o consiga. Restam as palavras obcecadas e repetitivas de Lawrence. Que elas falem por mim do amor e respeito que sinto pela Vera.

Perguntei-me se a tarefa de traduzir "The Ship of Death" é mórbida. Muitas vezes, a tradução faz parte do mundo mortuário, análoga ao trabalho de talhar letras em lápides. Ao traduzir o poema, posso ser, embora não o queira, o embalsamador, entregando para o leitor un cadavre exquis, a aparência ressecada do engajamento com a vida. Quando me pergunto se o próprio poema é mórbido, não encontro nele o que sei de morbidez: pensamento sem emoção e sensação acéfala, experiência lobotomizada de tal forma que a vida se torna inerte. Mórbida seria a negação da morte na procura de sua vantagem principal, a exclusiva vantagem de que os mortos não precisam morrer. O homem se anula por tentar matar a morte. Para mim, o poema é eminentemente prático, um receituário para viver a morte. Segundo Lawrence, há vida que pertence à morte, e há vida que não lhe pertence. Escolha-se entre ambas. A morte, como a vida, é escolha sem opção.

III

É necessário esclarecer para o leitor que não traduzi "The Ship of Death" do inglês para o português, mas de um dialeto do inglês, incompreensível para a maioria dos brasileiros, a um outro dialeto do próprio inglês, esta vez proporcionando ao brasileiro, em certos momentos, a ilusão da compreensão. Eu assumiria a arrogância de traduzir para uma língua que só comecei a falar já adulto, mas a verdade é outra. Minha prática de usar português é pura sedução, um engodo cheio de defeitos, mas que funciona para convencer meus interlocutores, e eu mesmo, de que estamos no Brasil. E nós nos esqueceros, às vezes, de minha naturalidade. O fato é que sempre estou falando inglês, mesmo nos momentos mais íntimos, quando o português escorre de minha boca, como se eu pudesse ter nascido aqui, com pouco sotaque e pouco erro de gênero. Se os falantes de minha língua nativa sequer reconhecem as palavras e a sintaxe que emprego no poema que segue abaixo, não é somente o homem que precisa morrer para viver. Mais radical de certa maneira do que Oswald de Andrade, Lawrence não visava a existência de palavras vivas. Sua linguagem é feita de vocábulos mortos, porém ressuscitados por ele. O uso cotidiano da língua portuguesa exige que eu siga Lawrence nesta prática. Palavras não significam por natureza. É preciso coagi-las a significar. Se não consigo a ressurreição da Vera, espero que as palavras façam viver sua memória.

O Barco da Morte

I

É o outono da fruta que cai,
e da longa viagem para o nada.

As maçãs caindo como grandes gotas de orvalho
para ferir em si uma saída de si.

É a hora de ir, de dizer adeus
a si mesmo, e de procurar uma saída
do eu caído.

II

Você já montou o barco da morte, já o fez?
Faça seu barco da morte, pois precisará dele.

A geada soturna está à mão, quando as maçãs tombam
aos montes, quase trovejantes, na terra endurecida.

E a morte está no ar feito o cheiro de cinzas!
Ah! Dá para sentir o cheiro?

E no corpo ferido, a alma assustada
se encontra recuada, encolhida do frio
que sopra sobre ela pelos orifícios.

III

Será que um homem pode criar o próprio silêncio
com um punhal nú?

Com punhais, estiletes, balas, o homem pode
furar ou romper uma saída de sua vida,
mas, diga-me, é silêncio, é o silêncio?

Com certeza, não é! o assassino, mesmo do próprio eu,
em tempo algum podia criar o silêncio?

IV

Vamos falar do silêncio que conhecemos,
o conhecível, o silêncio profundo e belo
do coração valente em paz!

Como podemos criar apenas isto, nosso próprio silêncio?

V

Faça, então, o barco da morte, pois você deve
viajar para longe, até o nada.

E morra a morte, a morte longa e dolorosa
que jaz entre o eu velho e o novo.

Já caíram nossos corpos, feridos, gravemente feridos,
já exsudam nossas almas
da ferida cruel.

O oceano escuro e infinito do fim
já lava as brechas de nossas feridas,
já chegou o dilúvio.

Faça o barco da morte, sua pequena arca
e o abasteça de mantimentos, de pãezinhos e vinho,
para a descida escura, o vôo pelo nada.

VI

O corpo morre em alíquotas, e os esteios da alma tímida
se corróem, enquanto sobe a escura inundação.

Estamos morrendo, nós todos estamos morrendo
e coisa alguma impedirá a cheia da morte em nós,
que logo subirá ao mundo, ao mundo exterior.

Estamos morrendo, em alíquotas nossos corpos morrem
e a força nos abandona,
e a alma nua rebaixa na chuva escura sobre a cheia,
rebaixada nos últimos galhos da árvore da vida.

VII

Estamos morrendo, só resta
a vontade de morrer, e construir o barco
da morte para trasladar a alma durante a viagem mais longa.

Um barquinho, com remos e comestíveis
e pratinhos e todos os atavios
apropriados à alma-viajante.

Lance o barquinho, agora, enquanto morre o corpo
e a vida se afasta--zarpar!--a alma frágil
no frágil barco da coragem, a arca da fé,
abastecida de comida e pequenas panelas
e mudas de roupas,
sobre os detritos fuscos do dilúvio
sobre as águas do fim
sobre o mar da morte, onde velejamos
cegos, pois não poderemos navegar, e não temos porto.

Não há porto, não há destino,
apenas a escuridão mais profunda ainda
enegrecendo sobre a inundação muda, insondável
escuridão fundida com escuridão, acima e abaixo
e de lado a lado a extrema escuridão, para que não haja direção,
e o barquinho está aí, embora tenha ido.
O barco não é visto, nada há que o torne visível.
Foi! Ido! mas está aí em algum lugar.
Lugar algum!

VIII

E tudo foi, o corpo submergido,
esvaído, ido.
A escuridão superior é tão pesada quanto a inferior,
e o barquinho, entre elas, já foi
Ido.

É o fim, é o nada.

IX

Contudo, da eternidade separa-se
um fio sobre o negror,
um fio horizontal
que mal fumega com palidez sobre a escuridão.

É ilusão? ou será que o palor fumega
Um pouco mais acima?
Ah, espere aí, pois é o alvor,
o alvor cruel da renascença
do nada.

Espere aí, o barquinho
à deriva, sob as cinzas cinerárias
do alvor-dilúvio.

Espere, espere! pois mesmo assim, um raio amarelo
e, estranho, oh alma pálida e gélida, um raio rosa.

Um raio rosa, e tudo recomeça.

X

Baixa o dilúvio, e o corpo, feito uma concha gasta,
sai estranho e belo.
E o barquinho alado dá a volta para seu porto de partida,
deslizando e hesitando na vaga rosa,
e a alma delicada se revela, entrando novamente em sua casa,
carregando de paz o coração.

Ancora o coração regenerado pela paz,
até a paz do nada.

Oh faça seu barco da morte, faça-o!
pois precisará dele.
A viagem para o nada espera por você.